

O evangelizador “artesão”

À Lídia, minha jovem evangelizadora “artesã”, com quem
tenho aprendido tanto, e aos participantes da CRC¹ onde
nasceu este texto



Sandra Borba Pereira

sandramariaborba@gmail.com

Calma! Não vamos tratar de contas, linhas, tintas, pedrinhas, dentre outros materiais.

O artesanato a que o título acima se refere não é a expressão material de objetos, da obra de arte do povo, presente de alguma forma em todas as culturas como expressão e criatividade humanas. Aqui trataremos de um artesanato diferente: aquele que o evangelizador deve tecer para alcançar os elevados objetivos da evangelização espírita infantojuvenil.

Perguntará provavelmente o leitor: por que deverá ser “artesanal”² a ação evangelizadora? O que isso significa? Vamos lá!!!!

Uma das críticas mais dirigidas aos evangelizadores se refere ao hábito de muitos buscarem a “aula pronta” e aplicá-la às turmas onde atuam, sem qualquer preocupação crítica quanto a essa “transposição”. Razões inúmeras são apresentadas para justificar esse uso: facilidade de acesso, materiais bem elaborados, falta de tempo ou habilidade em planejar, dentre outras.

Os resultados de tal procedimento também são vários: êxito relativo ou pelo menos aceitável por parte do evangelizador, crítica ao material por não se adequar à turma ou simplesmente afirmativas

como: “não deu certo”, “poderia ser melhor”...

O que nos interessa aqui, no entanto, é falar da necessidade e possibilidade de se realizar a evangelização “artesanal”, livre da rotina de reproduzir “aulas” e do medo de criar e produzir um momento pedagógico rico e de qualidade, no atendimento possível às singularidades dos grupos junto aos quais atuamos, evangelizando crianças e jovens.

Jesus, modelo de evangelizador

É o próprio Jesus, nosso Mestre e Modelo, quem nos dá o exemplo de uma ação evange-

lizadora “alinhada” com o público e sua especificidade. Essa preocupação crística se expressa pela diversidade de atitudes, recursos, símbolos, analogias e linguagens que Ele usava, levando em consideração as características de seus ouvintes e interlocutores.

“A que assemelharemos o reino de Deus? Ou com que parábolas o apresentaremos?”
– Jesus. (*Marcos, 4:30.*)

Com essas indagações Jesus revelava preocupação com o alcance de sua comunicação reveladora, em razão das peculiares condições dos receptores de sua mensagem libertadora. O Mestre exemplifica para todos

nós uma ação evangelizadora contextualizada, problematizadora, reflexiva e amorosa, capaz de atingir a intimidade de cada um, abrindo o caminho para o esclarecimento libertador e a transformação moral.

Jesus apresenta questões e resposta reflexivas a Nicodemos; exorta Zaqueu para que o deixe entrar em seu lar e em seu coração; instiga o moço rico a segui-lo, mesmo respeitando sua escolha individual; atinge a intimidade espiritual de Madalena para trazê-la à harmonia; dialoga de modo provocativo com fariseus; fala poeticamente às multidões; faz perquirições profundas aos discípulos; ilus-

tra lições; exemplifica condutas. Quanta riqueza em sua prática pedagógica!³

Necessidade de ser “artesão”

Inspirados na prática pedagógica do Mestre Jesus, os evangelizadores atentos buscarão:

a) Respeitar a turma ou grupo de evangelizando nas suas condições próprias, o que implica numa atitude curiosa e investigativa em torno de nossas crianças, adolescente e jovens;

b) Estimular, através da riqueza pedagógica de sua ação mediadora, o desenvolvimento de todos, diversificando recursos e caminhos metodológicos; ➔



depositphotos.com | thirteen

c) Atuar na evangelização como quem constrói sua casa sobre a rocha, amando, estudando, pesquisando, observando, avaliando, registrando, compartilhando, procurando a qualidade possível, promovendo o pensar reflexivo e o desejo de aprimoramento moral pela vivência cristã (em si mesmo e nos evangelizados).

Fazendo o artesanato

Será, então, que criticamos a busca de materiais prontos para se usar na evangelização? Sim e Não. *Sim*, se essa atitude for movida pelo simples desejo de copiar, de aplicar, de reproduzir sem qualquer outra preocupação. *Não*, se essa busca estiver acompanhada de uma atitude de pesquisa, reflexão, de um conhecimento básico sobre a turma e suas peculiaridades. Enfim, se o “pronto” estiver como apoio e a serviço de uma nova construção que se deseja mais segura e que melhor possa servir aos objetivos da ação evangelizadora.

Nos processos artesanais comuns, temos o material a ser usado, a técnica a ser aplicada e o produto a ser obtido.

Analogamente, temos na evangelização como nossa matéria-prima o **conteúdo espiritual** a ser compartilhado, exigindo-se para isso o domínio das bases do pensamento espiritista

capaz de assegurar a qualidade doutrinária indispensável.

Para que esse conteúdo possa ser compartilhado satisfatoriamente, necessário se faz “tecer” com habilidades pedagógicas o caminho adequado para favorecer a aprendizagem do grupo na direção do produto desejado: o homem e a mulher de Bem que atuarão no processo de transformação social.

O evangelizador “artesão”

Diante do exposto, podemos afirmar que o evangelizador “artesão” esforça-se no exercício do olhar, da fala e da escuta sensíveis⁴ para melhor conhecer o campo onde atuará: corações e mentes infantojuvenis à procura de evolução espiritual.

Sem dissociar sua experiência de vida e seus saberes da tarefa em que atua, o evangelizador “artesão” está sempre numa conversa íntima, numa atitude reflexiva e de autoavaliação em torno de sua prática, atento às possibilidades de criar, de se renovar, de superar uma postura acomodada e até burocrática no seu modo de evangelizar.

Preocupado com a qualidade de sua ação, buscará constantemente sua formação continuada, aprimorando-se como agente educacional, junto às novas gerações.

Sabendo-se em contínuo processo formativo, reconhece

suas dificuldades e limites, mas igualmente detecta seu desejo de melhoria, sua vontade de realizar o melhor que puder na tarefa que abraçou com boa vontade, amor e responsabilidade no desenvolvimento da semente, tornando-se um eterno aprendiz da arte de educar.

Finalmente, o evangelizador “artesão” dialoga com sua realidade, identificando necessidades e possibilidades, num exercício tão necessário quanto enriquecedor para estar a serviço de Jesus, o Mestre dos mestres, nosso Modelo e Guia.

////////////////////

¹ Comissão Regional Centro do Conselho Federativo Nacional da Federação Espírita Brasileira, ocorrida nos dias 13, 14 e 15 de maio deste ano, em Goiânia.

² A ideia do “intelectual artesão” integra as contribuições do sociólogo norte-americano Charles Wright Mills (1916-1962). Para esse autor, o trabalhador intelectual forma a si próprio, aperfeiçoando-se, usando sua experiência pessoal, fugindo da atitude burocrática diante da pesquisa, registrando suas percepções num diálogo avaliativo pessoal e permanente.

³ A pedagogia de Jesus é tema do primeiro capítulo do livro *Reflexões Pedagógicas à Luz do Evangelho*, de nossa autoria, publicado pela Federação Espírita do Paraná, em 2009.

⁴ Para aprofundamento dessa temática, consultar o documento publicado pela Federação Espírita Brasileira/ Conselho Federativo Nacional – “Orientação para a Ação Evangelizadora Espírita da Infância: Subsídios e Diretrizes”, 2016.